



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS - LÍNGUA
PORTUGUESA
CAMPUS SÃO BERNARDO – MA

**MEMÓRIA E IDENTIDADE: uma análise do conto “chuva: a abensonhada (2012)”, de
Mia Couto**

São Bernardo – MA

2022

ANA MARIA ALVES DA SILVA

MEMÓRIA E IDENTIDADE: uma análise do conto “chuva: a abensonhada (2012)”, de Mia Couto

Monografia apresentada como requisito básico do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Graduada em Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *Campus São Bernardo* – MA.

Orientadora: Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

São Bernardo – MA

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Alves da Silva, Ana Maria. MEMÓRIA E IDENTIDADE:
uma análise do conto "Chuva abensonhada" 2012, de
Mia Couto / Ana Maria Alves da Silva. - 2022.
49 f.

Orientador(a): Francisca Marciely Alves Dantas.
Monografia (Graduação) - Curso de Linguagens e
Códigos - Língua Portuguesa, Universidade Federal do
Maranhão, Realizada pelo aplicativo googlemeet, 2022.

1. Identidade. 2. Memória Coletiva. 3. Memória
individual. 4. Mia Couto. I. Alves Dantas,
Francisca Marciely. II. Título.

ANA MARIA ALVES DA SILVA

MEMÓRIA E IDENTIDADE: uma análise do conto “chuva: a abensonhada (2012)”, de Mia Couto

Monografia apresentada, como requisito básico do componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Graduada em

Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) *Campus São Bernardo* – MA.

Orientadora: Prof. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Francisca Marciely Alves Dantas - IFAP
Presidente

Profa. Ma. Cleanne Nayara Galiza Colaço - UEMA
Examinador 1

Profa. Ma. Fabiana Sousa Santos - UEMA
Examinador 2

Dedico este trabalho a Deus, escritor da minha história. Aos meus pais José Luís e Maria que estiveram comigo ao longo desta trajetória me apoiando e protegendo. Aos meus irmãos, familiares e amigos por estarem presentes na minha caminhada e por sempre acreditarem em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de realização deste sonho. Sonhado não apenas por mim, mas também pelas pessoas que me amam.

Aos meus pais José Luís e Maria Alves, meus irmãos Luan Alves e Ricardo Alves pelo apoio e encorajamento durante essa etapa importante da minha vida.

Agradeço a minha orientadora professora mestra Francisca Marciely Alves Dantas, por ter aceitado a missão de estar comigo durante esta trajetória. Pela paciência e por ter dividido comigo seu conhecimento.

Agradeço as minhas amigas Karina Araújo e Naiara Amorim pela parceria e companheirismo ao longo destes 4 anos, caminhando ao meu lado.

Agradeço as minhas amadas sobrinhas Thainara Alves, Thais Alves e Tassila Alves pelas palavras de carinho durante a caminhada.

Agradeço as minhas amigas Francisca Araújo, Maria Pereira e Sabrina Araújo pelas conversas de incentivo e por estarem ao meu lado nessa etapa linda de minha vida.

*“Preciso ser um outro para ser eu mesmo.
Sou grão de rocha. Sou o vento que a
desgasta.
Sou pólen sem insecto.
Sou areia sustentando o sexo das árvores.
Existo onde me desconheço aguardando pelo
meu passado ansiando a esperança do futuro.
No mundo que combato morro no mundo que
luto nasço.”*

(Mia Couto)

RESUMO

Esta pesquisa tem como principal objetivo analisar os conceitos de memória e identidade no conto “Chuva: a abensonhada (2012)”, do escritor Mia Couto. Nesse sentido, a problemática do estudo está em analisar como a memória serve de construção e permanência da identidade do povo negro no texto literário. Para alcançar nosso objetivo serão discutidos os conceitos de memória e identidade relacionando-os com as questões identitárias do povo africano e envolvendo seus aspectos individuais, coletivos, culturais e sociais. A análise será executada a partir da pesquisa bibliográfica, tendo como suporte teórico os seguintes autores: Halbwachs (2006); Hall (2006); Bosi (1979); Candau (2012); Ferreira (1997); Abdala Júnior (2008); Amorim (2018); Zilberman (2006); Le Goff (2013); Fonseca e Moreira (2017); Eulálio e Durant (2015), dentre outros. Dessa forma, compreendemos que a memória é um fenômeno interligado à identidade, pois funciona como apoio para os indivíduos em meio às crises e tensões da sociedade, deixando o sujeito consciente de sua própria narrativa de vida. Assim, a memória serve de continuidade às tradições e costumes do povo africano.

Palavras-chaves: Identidade. Memória coletiva. Memória individual. Mia Couto

ABSTRACT

The main objective of this research is to analyze the concepts of memory and identity in the short story “Chuva: a abensonhada (2012)”, by the writer Mia Couto. In this sense, the problem of the study is to analyze how memory serves as the construction and permanence of the identity of black people in the literary text. To achieve our objective, the concepts of memory and identity will be discussed, relating them to the identity issues of the African people and involving their individual, collective, cultural and social aspects. The analysis will be carried out from the bibliographic research, having as theoretical support the following authors: Halbwachs (2006); Hall (2006); Bosi (1979); Candau (2012); Ferreira (1997); Abdala Junior (2008); Amorim (2018); Zilberman (2006); Le Goff (2013); Fonseca and Moreira (2017); Eulálio and Durant (2015), among others. In this way, we understand that memory is a phenomenon linked to identity, as it works as a support for individuals in the midst of society's crises and tensions, making the subject aware of his own life narrative. Thus, memory serves as a continuity to the traditions and customs of the African people.

Keywords: Identity. Collective memory. Individual memory. Mia Couto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1.LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA	13
1.1Moçambique: cenário histórico e literário	13
2.MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA: CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS	21
2.1 Memória e identidade: articulações teóricas.....	28
3.ANÁLISE DO CONTO “CHUVA: A ABENSONHADA” (2012), DO ESCRITOR MOÇAMBICANO MIA COUTO	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma análise literária feita a partir de fragmentos do conto “Chuva: a abensonhada (2012)” em que buscou-se analisar os conceitos de memória e identidade presentes na obra como instrumentos fundamentais para (re)construção identitária do povo negro africano. O desejo de trabalhar com tal tema surgiu a partir da disciplina Literatura Africana, ministrada no 5º período do curso de Linguagens e Códigos/Língua portuguesa, na qual houve o primeiro contato com os temas memória e identidade. Para o povo africano a memória é de fundamental importância, pois constrói vínculos de identidade entre o passado e o presente, dando continuidade à sua cultura, valores, crenças e formando uma ponte contínua das relações de reafirmação de um povo. Assim, por meio da escrita literária vemos a permanência da identidade de um povo.

Visto isso, a problemática da presente pesquisa está em analisar como a memória serve de construção e permanência da identidade do povo negro no texto literário. E é esse o cerne de nosso estudo, posto que as memórias são movimentos históricos que se configuram como um fenômeno em interação com as relações individuais e coletivas dos sujeitos. Assim, a memória serve de fortalecimento, integração, continuidade e permanência para a reconstrução do passado sendo um dos instrumentos condutores para a construção da identidade.

Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar os conceitos de memória e identidade no conto “Chuva: a Abensonhada (2012)” do escritor Mia Couto, relacionando-o com as questões identitárias do povo africano envolvendo em seus aspectos individuais e coletivos; culturais e sociais. Para alcançar tal objetivo geral, lançamos mão dos seguintes objetivos específicos: I) refletir sobre o processo histórico de construção e consolidação da literatura africana focando no cenário literário moçambicano; II) ponderar os conceitos de memória individual e memória coletiva; III) discutir os conceitos teóricos que envolvam a questão da identidade.

Para o *corpus* da presente pesquisa utilizamos o conto “Chuva: a abensonhada (2012)” presente na coletânea *Estórias Abensonhadas*, buscando a analisar os conceitos de memória e identidade presente da obra, observando o diálogo com as tradições, através da linguagem poética e do discurso imaginário, a fim de identificar como a memória serve de instrumento para a construção da identidade.

Acompanhado dos aportes teóricos Halbwachs (2006); Hall (2006); Candau (2012); Bosi (1979); Ferreira (1997); Abdala-junior (2008); Amorim (2018); Zilberman (2006); Le

Goff (2013); Fonseca e Moreira (2017); Eulálio e Durant (2015). Optamos pela pesquisa bibliográfica com foco qualitativo, visto que esse método de pesquisa se constitui a partir da leitura de artigos, livros, revistas e dissertações abrangendo diversas bibliografias em relação ao tema de estudo.

No sentido de organizar o presente trabalho, inicialmente fizemos uma breve reflexão introdutória a respeito das literaturas africanas de expressão portuguesa enfocando principalmente na literatura moçambicana e no seu processo histórico e literário. Nessa sessão, focaremos nossas discussões em torno do escritor Mia Couto, autor de voz inovadora em seu país, pois suas obras têm uma forte ligação com o saber ancestral e com a tradição oral, embora não tenha origem na oralidade, mas possui grande influência. Suas histórias exaltam sua terra amada, tradições e a cultura do seu país.

No segundo capítulo, partimos para a discussão sobre os conceitos de memória individual e memória coletiva ancorados nos estudos de Maurice Halbwachs (2006). Apresentamos essas duas categorias de memórias e sua importância para o fortalecimento e continuidade das bases identitárias fazendo com que compreendemos que as memórias são movimentos históricos que permitem manter laços com as referências que carregamos conosco e que nos situam no espaço/tempo.

Mais adiante, já no terceiro capítulo, aprofundamos nossa discussão teórica a respeito do conceito de identidade e memória, apoiados nos estudos de Stuart Hall (2006) e Joel Candau (2012). Traçando uma breve reflexão sobre a crise das identidades e sua relação com a atividade da memória, ressaltando que, conseqüentemente, a busca de identidade se relaciona com o já vivido, pois a memória serve de ponte entre passado, presente e futuro e dissociar memória e identidade seria impossível uma vez que, não existiu busca de identidade sem memória e não existe reconstrução do passado sem um desejo identitário.

Por fim, apresentamos a análise literária do conto “Chuva: a abensonhada (2012)”, de *Estórias abensonhadas*, do escritor moçambicano Mia Couto. Esperamos que esta pesquisa contribua para ampliar os estudos em torno da identidade e cultura do povo africano, tanto no ambiente acadêmico como em outros contextos.

1. LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA: MEMÓRIA, IDENTIDADE E CULTURA

A literatura africana é um terreno fértil que possibilita visitar identidades através de poesias, poemas, contos, crônicas, fábulas, pois, os escritores africanos fazem dela seu instrumento de resgate e resistência levando assim, sua cultura para as páginas dos livros. Nesse primeiro tópico discutiremos sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa com foco no cenário moçambicano em seus aspectos históricos e literários. Além disso, iremos falar sobre um dos maiores e renomados escritores de Moçambique. As obras de Mia Couto são escritas de maneira poética por meio de um olhar crítico construindo principalmente pelo longo processo histórico que seu país passou durante as inúmeras guerras civis.

Diante disso, o cenário literário africano se estabelece como sendo universal, pois os escritores africanos fazem de suas obras um terreno vasto se utilizando das tradições africanas, suas culturas, suas crenças, seus costumes, seus mitos, suas rezas para perdurarem seus valores no espaço/tempo, fazendo com que suas histórias cheguem às gerações futuras. Assim, a simbologia presente na memória do povo africano afirma tradições, sabedoria, conhecimento e ensinamento conectando o pensamento dos antepassados às identidades que se afirmam na realidade física o que possibilita a continuidade de suas memórias.

Desse modo, as literaturas africanas tornam-se o registro mais sensível de uma época de transição expressando os sentimentos individuais e coletivos do povo negro na busca de preencher as lacunas deixadas na sua história pelo seu longo processo de colonização. Nesse sentido, as obras dos escritores africanos se caracterizam em valores nacionais, denúncia as marginalizações expressas pelas guerras, valorização de sua terra e da cultura.

1.1 Moçambique: cenário histórico e literário

Compreender a literatura de Moçambique é trilhar os caminhos da memória coletiva moçambicana, pois elas são ancoras para manter as tradições em meio às destruições causadas pelas guerras. Diante disso, podemos dizer que assim como as demais historiografias literárias portuguesas, a literatura africana tem seu início em um período de transição “época em que o mundo cristão conhecia o direito à dominação, a depredação e até à barbárie” (FERREIRA, 1997, p. 8). Sendo assim, a história da literatura africana é marcada inicialmente pelo

domínio colonial e vai representar em seus primeiros textos o olhar do colonizador sobre a colônia prevalecendo, na maioria das vezes, o modelo europeu.

Assim, foi com a instalação do prelo e a oficialização do ensino no século XIX, que ocorreu o aparecimento de uma atividade literária escrita pelos africanos. É interessante ressaltar que assim como ocorreu com a literatura brasileira, as literaturas africanas de expressão portuguesa foram desenvolvidas em seus primeiros anos por portugueses, ou seja, essa literatura representava a realidade do colonizador e de nada tinha a ver com a cultura, o conhecimento, o costume e a tradição africana. Ao negro nessa literatura cabia-lhe pouco espaço, pois o homem branco era elevado à categoria de desbravador e herói mítico, conforme observamos nas palavras de Ferreira (1997, p.11): “o branco é elevado à categoria de herói mítico, de desbravador das terras inóspitas, portador de uma cultura superior. Ele é, no texto literário e o pensamento de quem reside e organiza o habitante privilegiado e soberano, o prolongamento da pátria e o mítico semeador de utopias”. Assim, para o europeu o negro estava condicionado a servi-lo.

Para Amorim *et al.* (2018), nos jornais do período colonialista estão os primeiros traços de literatura africana. Eles foram fundamentais para a difusão da cultura africana nas colônias tais como em: Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, que mais tarde conseguiriam seu apogeu com publicações que se configuram em discursos de resistência e consciência nacional. Para os autores, essa fase inicial da literatura africana começa pela valorização de sua terra e sentimento nacional:

Inicialmente, essas literaturas nascem como meio valorativo das regiões a que os intelectuais pertencem ou que eles conhecem, mas, pouco a pouco, a importância do elemento regional decresce e dá lugar a um sentimento nacional que vislumbra um projeto coletivo capaz de redimensionar os valores culturais africanos (AMORIM *et al.*, 2018, p.18).

Assim, o crescimento dos periódicos e jornais impressos possibilitou o nascimento de uma voz africana. Por um lado, tínhamos a incorporação de uma produção literária inspirada nos modelos europeus e, por outro lado, uma consciência africana singular, visto que o escritor africano começa a manifestar uma percepção da sua própria realidade. Dessa forma, os primeiros textos literários africanos de expressão portuguesa revelam sentimentos nacionais, isto é, consciência do seu lugar, seu modo de vida, suas crenças, mas também influências do seu longo processo de colonização.

Além disso, a criação da imprensa favoreceu uma intensa atividade literária nas ex-colônias. Sendo assim, a rede jornalista é responsável “[...] pelo surgimento dos primeiros

redutos dos assim chamados ‘naturais da terra’, capazes de romper o silêncio imposto pela estrutura colonial (ABDALLA JUNIOR, 2008, p. 33)”. Para o autor, muitos nomes significativos dessa etapa de consolidação da literatura estão ligados à fundação da imprensa, os quais são escritores de classe social mais levada, que contraria os interesses colonialistas e desencadernam um movimento anti-escravocrata.

Seguindo essa perspectiva, encontramos alguns nomes significativos para a consolidação dessa literatura como José da Silva Maia Ferreira, escritor precursor da atividade literária angolana, Alfredo Troni, Cordeiro de Mata, Tomas Vieira da Cruz, Eduardo Neves, Ernesto Marecos, António Jacinto, Veriato Cruz e Castro e Soromenho. Esses autores assim como muitos outros expressam um grupo de escritores que começaram a se preocupar com temas voltados para a literatura africana se opondo ao colonialismo.

Esses autores acabam por reconhecer sua pátria, sua cultura, seus valores e suas tradições. Em outras palavras, acabam por transmitir o conhecimento e ensinamento dos povos africanos para as futuras gerações, fazendo surgir uma consciência anti-colonialista. Assim, esses escritores tornaram-se responsáveis por preencher as lacunas deixadas pelo colonialismo na sua história.

Consequentemente, esse movimento se espalhou para outras ex-colônias, como é o caso de Moçambique, que “[...] no final da década de 40 e início da década de 50 [...] assistiu a um período de afirmação de um projeto literário, que está registrado em textos publicados em livros e em jornais” (FONSECA, MOREIRA; 2017, p. 26). Dessa maneira, o discurso dos escritores vai se configurar em esforços e resistência por mudanças, tanto no cenário econômico como político e social. E, nessa constante releitura do seu lugar no universo literário, faz-se nascer um sistema inovador de voz ativo em Moçambique, preocupado com temas voltados para sua cultura, costumes, visões de mundo, crenças, linguagens e dialetos locais.

Como vimos, portanto, ao longo dessa discussão, a imprensa instalou um movimento anti-escravocrata não só em Angola, mas, em Moçambique e que apesar de conquistar sua independência em 1975, já tinha uma atividade literária desde 1854 como o surgimento do Boletim Oficial, fazendo emergir os periódicos *O progresso 1877*, *Clamor Africano 1892* e *O Brado Africano 1918*. Assim, a instalação da imprensa despenhou um papel fundamental na literatura moçambicana, pois os jornais começaram a dar voz aos diversos escritores africanos.

A partir de então, os escritores moçambicanos passam a tratar em suas obras a vida local do seu país como, por exemplo, os dialetos da população, as histórias e mitos contados

oralmente, a procura das raízes e identidade do povo moçambicano, a simbologia presente no contexto de resistência, o saber ancestral, bem como a tradição oral e a denúncia da marginalização expressada pelas guerras.

Assim, a literatura moçambicana se inscreve em um desejo de fundar uma nação/país com tradição própria. Dessa forma, o escritor passa a assumir um compromisso social com sua nação dialogando com a realidade de um país assolado por guerras e conflitos civis. Nesse sentido, a tradição oral assumiu um papel fundamental na construção do cenário literário africano, pois, a mesma retorna ao passado para construir o presente encaminhando assim, ao resgate de valores ancestrais, tradições, costumes, mitos, crenças e conhecimentos que perduram do tempo por meio da memória do povo. Portanto, o escritor se volta para a tradição oral no sentido de levar para as páginas sua realidade.

Ainda sobre Moçambique, podemos dizer que a luta desses escritores como; os irmãos João e João Albasini, Fonseca Amaral, Virgílio Lemos, João Dias, Rui Noronha, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Paulina Chiziane, Mia Couto e muitos outros trazem em suas obras discursos identitários, críticas sociais, a problemática relacionada à mulher, a tradição oral, denúncias as injustiças sociais e raciais e referências as tradições locais de Moçambique. São autores tanto de uma geração passada como da contemporaneidade preocupados com a marginalização e menosprezo sofridos pelos negros até os dias atuais.

Como apontam Amorim et al. (2018) é o escritor africano que de posse da sua cultura e identidade busca representar sua realidade por meio da palavra experimentando novos caminhos, é ele quem mantém um profundo diálogo entre o passado e o presente, comprometido com uma escrita que mistura elementos da cultura oral. Assim, os autores dizem que os mesmos são “herdeiros de uma terra que é um mosaico cultural, os escritores moçambicanos buscam mesclar elementos da oralidade e da escrita, em constante diálogo com o passado” (AMORIM et al., 2018,p.221).

Para os autores Amorim *et al.* (2018) a atividade literária de Moçambique caminha na linha no que se refere a oralidade, pois a escrita de tais escritores estão nitidamente ligadas a tradição oral, sendo um traço marcante de seu país:

Moçambique, como os países africanos de língua portuguesa, possui uma vasta produção literária que não segue a tradição da escrita, mas da oralidade. Contos, ensinamentos, tradições e histórias são transmitidos dessa maneira. [...] Assim como as gerações literárias anteriores, os escritores contemporâneos buscam reinventar sua escrita, resgatando o traço mais marcante de seu país, que está intimamente ligado com praticamente todos os elementos de sua cultura: a oralidade (AMORIM et, al. 2018.p.217).

Repara-se, que a tradição oral é marca importante na construção da escrita moçambicana não só dos escritores contemporâneos, mas das gerações que os antecederam visto que, os seus discursos se configuravam em debater seu processo identitário por meio de elementos da sua própria cultura. Nota-se, então, que a literatura escrita sofre bastante influência da oralidade, sendo uma marca inerente da identidade africana. Conforme Eulálio e Durand (2015, p.189) “[...] é o caso de Mia Couto, autor moçambicano que tem uma forte marca da oralidade na sua produção literária, o que segundo o próprio autor é resultado de sua vivência com as histórias que lhe foram contadas ao longo da vida, em especial, na infância”.

Diante disso, o escritor Mia Couto traz muito de sua cultura nos seus escritos, pois o mesmo faz uma retomada das raízes tradicionais do povo africano, concebendo ao indivíduo testemunha consciente do que acontece e como acontecem as questões no seu meio social. Em suas obras é notável a sua linguagem poética produzindo assim, encantamento pelo texto. Dessa forma, sua literatura está ligada à cultura do país, seus costumes, valores, crenças como também a exaltação da terra e do negro com temas voltados para sua linguagem, hábitos, costumes, estratificação social, injustiças, preconceitos e desigualdade social.

A trajetória literária do escritor em questão inclui romances, contos, crônicas, poemas, poesias e fábulas e suas obras possuem temáticas voltadas, principalmente, para Moçambique. Assim, sua escrita possibilita a transmissão de conhecimentos e ensinamentos. Suas palavras retratam a busca de identidade moçambicana por meio de um discurso poético e místico mesclado de histórias que lhe foram contadas oralmente. O autor participou ativamente da libertação de Moçambique 1975, sendo militante a frente de libertação do mesmo. Dez anos depois atuou como jornalista em “A tribuna”. Na mesma época foi diretor da agência de informação de Moçambique e escreveu para a revista “Tempo” e para a revista “Notícias”.

Em 1983 publica seu primeiro livro de poesias “*Raízes de Orvalho*”, sendo mais de vinte títulos entre contos, romances e poesias com prêmios nacionais e internacionais. Compositor de uma literatura com sinais de resistência cultural e sentimento nacional. Mia Couto teve meio milhão de exemplares vendidos que o transformaram em um dos maiores escritores da atualidade em língua portuguesa. Em 1999, foi ganhador do Prêmio Vergílio Ferreira pelo conjunto de sua obra. Em 2001, o prêmio literário Mário Antônio pelo romance “*O último voo do flamingo*”. Conseqüentemente, suas obras despertam uma consciência política e cultural. Desse modo, a escolha do autor se justifica pela importância de sua escrita para a reafirmação das identidades africanas como também por se inscrever em cenários políticos e culturais.

Como já vimos, a tradição oral é muito importante na cultura africana até os dias de hoje. Segundo os autores Amorim et al. (2018):

Mesmo após a imposição da letra pelos colonizadores, a literatura de tradição oral continuou se desenvolvendo – em muitos casos, como forma de resistência – até os dias de hoje, devido ao fato de uma maioria não falar o português, ou não o ter como sua primeira língua, ou não dominar sua escrita, transmitindo suas tradições oralmente, por meio de mitos, lendas, crenças, adivinhas e provérbios (AMORIM et al, 2018, p. 224).

Observa-se, que a literatura escrita sofre influências da tradição oral. Embora ela não tenha sua origem na oralidade, essa tradição ainda prevalece nos países como Angola, Cabo verde, Guiné Bissau, São Tomé e príncipe e Moçambique. E, mesmo com o aparecimento da escrita a tradição oral se mantém por meios das tradições passadas através de lendas, contos, mitos e crenças desenvolvendo como forma de resisti as mudanças e tensão provocadas pelos conflitos civis. Portanto, os escritores africanos ainda nos dias de hoje desempenham um papel importante na projeção de um cenário literário escrito, pois quando este retoma a oralidade provavelmente busca inspiração das suas raízes, fazendo com que as histórias e memórias do povo negro passem a embelezar as páginas literárias.

Dessa forma, as literaturas de expressão portuguesa produzida em Moçambique sustentam-se no desenvolvimento de vozes que rompem com estereótipos fundamentados e instalados pelo colonialismo, visto que essa literatura se caracteriza pelo fato dos escritores não abandonarem sua identidade e suas referências culturais. Assim, suas obras se caracterizam por romper com o modelo europeu que se configuram em discursos de resistência.

Como é sabido para chegar ao cenário literário que hoje conhecemos, as literaturas africanas de expressão portuguesa passaram por períodos e fases de acordo com Fonseca e Moreira (2017, p. 02) são de assimilação, alienação, consolidação e tomada de consciência do seu lugar no universo poético literário fazendo emergir uma nova estética e um novo modelo de literatura no qual, o cenário de uma África que possuir cultura, valores, tradição e identidade própria passam a enriquecer as páginas dos livros.

Assim, podemos dizer que nessa fase de transição da escrita, que começa na metade do século XIX, em que os escritores passam primeiramente a produzir seus textos imitando a escrita do colonizador, fator esse inevitável, pois nessa fase a literatura sofre influências do seu contexto histórico. E, ao assumir sua consciência nacional, o escritor africano assume seu

lugar no universo poético, não mais imitando os modelos europeus. Portanto, a literatura africana reflete também a busca de identidade cultural e social do povo negro.

De fato, as histórias das literaturas africanas manifestam traços de duas grandes linhas: “a literatura colonial e as literaturas africanas de expressão portuguesa (FERREIRA, 1997, p.11)”. Na primeira, o centro do texto literário é o europeu, nele o homem branco é tido como herói visto como primordial para construção da sociedade. Por isso antes do surgimento de uma atividade literária africana propriamente dita, já tínhamos uma literatura produzida nos países africanos considerada segundo Noa (1999) de “literatura colonial” tinha como intuito contar as relações do branco em meio à ambientação do povo negro projetando para as obras o ponto de vista do colonizador e sua ideologia.

Diferentemente, do que ocorre na literatura africana, em que “[...] no espaço material e linguístico do texto o negro é privilegiado e revestido de um solidário tratamento literário (FERREIRA 1997, p.13)”. Compreende-se que nessa linha a literatura representa o próprio negro sobre uma óptica de melhor tratamento literário não mais fazendo estereótipo cultural e racial. A partir de então, temos um maior amadurecimento tanto do discurso como na estética nesse texto que passa a descrever o universo do negro sua cultura, seus valores, suas crenças e suas visões de mundo tomando assim, consciência do seu lugar no cenário literário causando um impacto grandioso no imaginário do povo africano.

Nesse sentido, se inscreve o quadro de produção literária, de formação e as fases da literatura africana discutido por Ferreira (1987). Nessa linha, o autor reflete sobre quatro momentos das literaturas africanas de expressão portuguesa. Destacando, que no primeiro momento dessa produção “o escritor africano encontra-se em estado quase absoluto de alienação, incapaz de se libertar dos modelos europeus (FERREIRA, 1987, p. 33)”. Nessa fase da produção literária africana ainda se encontra imitando a escrita do europeu e seu universo poético. Foram fases que passaram a permitir os escritores caminharem sobre dois viés, do colonizador e da sua própria cultura.

Ainda segundo o autor, na segunda fase temos a “percepção de certo regionalismo e o discurso acusa já alguma influência do meio social, geográfico e cultural em que estão inseridos e a enunciação vive já os primeiros sinais de sentimento nacional (FERREIRA, 1987, p. 33)”. Como podemos notar nessa segunda fase da literatura africana o escritor começa a se distanciar do modelo colonial, começando também revelarem o comprometimento com a estética literária dos países africanos.

Para Manuel Ferreira (1987), na terceira fase o escritor rompe com o modelo europeu tomando consciência de colonizado e “cria a sua razão de ser na expressão das raízes

profundas da realidade social nacional entendida dialeticamente” (FERREIRA, 1987, p. 33). Poderiam dizer que já na terceira fase à medida que surge a necessidade de uma expressão estética literária o escritor rompe com os posicionamentos ideológicos impostos a eles e passa assumir posições relacionadas ao meio político, cultural e social da sua nação.

Por fim, no último momento já conscientes de ex-colônias e vivendo o período histórico de sua independência, cabendo-lhe ao escritor o papel de construtor de uma nova identidade é a fase de libertação temos então o aparecimento de outros temas como, independência, consciência nacional, mestiço e identidade nesta fase o homem negro é o centro do universo poético. Portanto, essa fase “é de todo eliminada a dependência dos escritores africanos e restituída a sua plena individualidade (FERREIRA, 1987, p.33)”. Compreende-se nessa fase o despertar cultural e a voz do escritor africano começa a ter lugar no cenário literário rejeitando assim o sistema colonial e exaltando a simbologia da africanidade.

Nessa perspectiva, a literatura como um todo carrega as marcas do espaço/tempo, pois, o escritor passa a deixar não só suas marcas, mas, passa a trabalhar com as a atmosfera do seu contexto histórico. Daí a importância de conhecer os sistemas literários, pois cada um carrega as marcas do seu tempo apontando em geral a história de cada país até chegar os dias atuais.

De todo modo, a conquista da democracia encoraja o futuro das literaturas de expressão portuguesa resultando na construção de novas histórias, novas identidades concebendo a ideia de uma África com visões, tradições próprias ancorados na memória e identidade dos antepassados, mostrando também a diversidade cultural; as heranças coletivas passadas para as gerações seguintes por meio dos ensinamentos transmitidos cotidianamente.

Como visto até aqui, as literaturas africanas de expressão portuguesa passaram por amadurecimento e evolução, as quais tiveram um papel fundamental na afirmação cultural dos países africanos procurando sempre enriquecer o cenário literário, político, econômico e social nas ex-colônias. Desse modo, as escritas desses escritores representam a base permanente de continuidade para a penetração de sua história, herança, conhecimento e ensinamentos transmitidos pelo processo memorial.

2. MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA: CONSIDERAÇÕES CONCEITUAIS

Diante disso, na segunda sessão discutiremos a respeito de dois grandes fenômenos a memória individual e a memória coletiva ancorado nos estudos do sociólogo Maurice Halbwachs (2006). Ele desenvolveu uma linha discursiva sobre a memória coletiva e a memória individual, ressaltando que o movimento contínuo do processo memorial permite a continuidade da formação identitária, expandindo-a, pois o passado permite construir o presente e o futuro. O presente, por sua vez, modifica o passado atribuindo-lhes novos significados e sentidos, daí a importância da memória na construção das bases identitárias. Transmitindo assim, a herança cultural dos antepassados, seus mitos, suas rezas, seus cultos e suas histórias. Dessa forma, por meio das memórias notamos uma releitura do passado que interage com as relações sociais e culturais de um determinado povo.

Assim, entendemos que as memórias são movimentos históricos que servem para os grupos e tribos não só enquanto grandes fenômenos historicamente marcados, mas enquanto lugar de revisitar as emoções, sentimentos, experiências e o mais importante descobrir identidades. Assim, segundo Halbwachs (2006), em vista que a memória não se configura como sendo apenas um fenômeno individual desligado do contexto social, mas enquanto um movimento que relaciona o indivíduo a seu contexto sócio-histórico conecta o passado com as representações do presente.

Dessa forma, a memória é um fenômeno social que ocorre por meio das relações entre os indivíduos e suas interações. É a memória o meio de continuação de uma geração, justamente por ser um fenômeno que mantém laços construtivos de identidade, nos permitindo, muitas vezes, compreender um determinado evento com clareza. Isso acontece porque carregamos um quadro de referências que nos situa no espaço/tempo. Esse quadro, por sua vez, se estabelece por meio das relações sociais dos grupos às quais pertencemos. Conforme Halbwachs (2006), a memória passa a ter um significado compartilhado, pois o indivíduo não pertence apenas a um plano individual, mas a uma coletividade, na qual estabelece o seu vínculo de pertencimento,

Maurice Halbwachs (2006) discorre sobre duas categorias de memória: a coletiva e individual. A memória coletiva, segundo o autor, “[...] é como se estivéssemos diante de muitos testemunhos (HALBWACHS, 2006, p.29)”. Visto assim, são os testemunhos dos outros que nos ajudam a nos construirmos como sujeito e mesmo sendo memórias vividas em grupo, essas sustentam e contribuem para o nosso quadro de referências. Portanto, podemos

dizer que a memória coletiva se relaciona aos vários testemunhos, que correspondem a nosso quadro de referências, ou seja, são as visões de mundo, as tradições e saberes ancestrais que nos afirmam em grupos dos quais fazemos parte.

A segunda categoria a qual o autor se refere é a memória individual, que por sua vez, Halbwachs (2006, p.29) afirma que “o primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso”. Por certo, a memória individual está pautada em nossa subjetividade ligada as experiências que cada um viveu e aos significados que atribuímos a cada uma delas. Por isso, a reconstrução da memória individual depende sempre do que somos e pensamos ao invocar cada lembrança.

Nesse sentido, a atividade de lembrar se relaciona com o subjetivo, isto é, a algo próprio de cada pessoa, pois cada um produz seus sentimentos e emoções ligados aos nossos valores, costumes e experiências, sejam elas individuais ou coletivas. Por isso que Halbwachs (2006) enfatiza que, a memória é um recurso interior do sujeito, vista como guardadora de toda uma herança cultural e histórica, fazendo com que os indivíduos se sintam enraizados, já que carrega sentimento de pertencimento.

Dessa forma, o porquê que cada ser reconstrói de novo o que já viveu está ligado à identidade pessoal, no sentido de dar continuidade aos seus laços identitários e personalidades próprias. Conforme aponta Oliveira (2010):

A memória está totalmente ligada à personalidade de cada um, como e porque cada um reconstrói de novo o que viveu. A memória procura um sentido, ela se encadeia em outras construções do ponto de vista da identidade pessoal, criando explicações para apaziguar os conflitos, e fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores (OLIVEIRA, 2010, p.86).

Assim, cada participante produz sua experiência com o passado, não no sentido de viver novamente o que já foi vivido, mas reviver o passado com base em acontecimentos e experiências já vividas. Embora essa memória se relacione com os acontecimentos históricos, ela ainda permanece mutável. Isso porque a memória é vista como uma seleção de eventos, que depende sempre do significado que cada sujeito atribuiu a ela no momento que refazemos o já vivido.

Halbwachs (2006, p. 29) observa que, “a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros”, isto é, o sujeito se utiliza das memórias dos outros para atualizar ou definir seu quadro de lembranças. Portanto, o ato de lembrar se relaciona com diferentes quadros de referências de diferentes grupos. Assim, para invocamos nosso próprio passado temos a necessidade das lembranças dos outros, isso ocorre porque

acreditamos que não estamos sozinhos ao recordá-las, pois quando voltamos ao passado jamais voltamos sozinhos, carregamos conosco um determinado número de grupos, as quais nos sentimos pertencidos.

Por sua vez, a memória serve de integração e continuidade para a permanência e fortalecimento desses grupos sociais para a reconstrução do passado, pois, para Halbwachs (2006, p. 30) “os fatos do passado assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais só ao representá-los para nós”. Dessa forma, os grupos sociais que fazemos parte servem de referência para a construção da nossa identidade, à medida que nos situamos no tempo por meio deles.

Logo, cada indivíduo absorve a memória através de um determinado meio ou grupo. Cabe ressaltar que, a memória individual não está desligada ao quadro de memórias coletivas e nem é formada por ela, mas se utiliza do quadro de referências de memórias coletivas para se entrelaçar ao grupo de pertencimento:

E preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p.39).

Portanto, a atividade da memória não se baseia ou cabe apenas na dimensão individual, tendo em vista que as lembranças de um sujeito nunca são só suas, pois essa lembrança individual se sustenta nas memórias dos grupos para o seu fortalecimento.

É interessante ressaltar que o autor Halbwachs (2006) não define exatamente o conceito do que seja memória coletiva e memória individual, pois seria impossível distinguir uma da outra. Para o autor, nossas lembranças permanecem coletivas mesmo que sejam lembranças de acontecimentos vividos somente por nós mesmos. Segundo Halbwachs: “não posso dizer que estive sozinho, que estivesse refletindo sozinho, pois em pensamento eu me situava neste ou naquele grupo” (HALBWACHS, 2006, p.31). Por certo, não voltamos ou visitamos o passado sozinho, pois carregamos em todos os momentos nossas referências, que nos situam e nos afirmam nesse ou naquele grupo.

Ainda que nossas memórias permaneçam coletivas, cada participante produz suas memórias individuais. Essas lembranças pessoais são inteiramente do sujeito que as produz e estão contidas no seu subjetivo, pois só lembramos o que vivemos, fazemos, pensamos, vimos e sentimos. Assim, nossa memória não se confunde com nenhuma outra do grupo a qual fazemos parte, visto que a memória coletiva está representada no grupo, seja família, grupo

político ou grupo religioso e para recordar tal acontecimento bastaria voltar-se para o grupo que estamos envolvidos para (re) construir o fato/evento.. Portanto, a memória do sujeito é amparada pelas memórias dos grupos os quais está inserido.

Assim, a memória coletiva se relaciona com a memória individual, mas não se confunde com ela. À medida que o indivíduo se relaciona com a memória do grupo a qual faz parte ele toma para si seus posicionamentos, suas experiências, suas leis e pontos de vista. Dessa forma, as memórias coletivas acabam impactando nas memórias individuais justamente pelo indivíduo tomar emprestado do seu meio as lembranças dos outros para construir pontos de referências. Portanto, o sujeito precisa dessas lembranças impessoais para se auto afirmar, para preencher lacunas, para se apoiar, para invocar seu próprio passado.

Maurice Halbwachs (2006, p.31) enfatiza que para recordar uma memória “não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. Pois a eles não é concedida tal atividade, mas, ligarão os pensamentos e tradições deste sujeito. Desta maneira as lembranças não se encontram apenas nos indivíduos e em suas ações seja ela social ou cultural “A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes (HALBWACHS, 2006. p.59)”.

Nesse sentido, se o sujeito não atribuir significado e estabelecer um vínculo duradouro a esse acontecimento, essas lembranças se tornam “lembranças fictícias” (HALBWACHS, 2006, p.32). Isso porque essas testemunhas são exteriores a esse sujeito e sem elas o indivíduo é incapaz de invocar essa lembrança, pois permanecem ilusórias ou turvas. Como aponta Halbwachs (2006, p.33) “Se na ausência dessas testemunhas nos sentimos completamente incapazes de reconstruir qualquer parte dela, os que um dia a descreveram poderão até nos apresentar um quadro muito vivo da cena – mas este jamais será uma lembrança”.

Desse modo, a memória estaria ligada ou contida na sociedade que a reconstrói e constrói sua história. A significação que o indivíduo atribui aos fatos sejam eles históricos ou culturais se interliga as memórias coletivas, pois essa busca do passado se relaciona com o presente e perpassa aos vários testemunhos, visto que, essas memórias individuais são ressignificações da memória coletiva.

Para Halbwachs (2006) só construímos uma lembrança depois que nos tornamos seres sociais, como é o caso das nossas lembranças de infância e eventos anteriores. O autor afirma que “não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tornamos um ser social” (HALBWACHS, 2006, p. 43). De qualquer modo, as memórias de infância são ressignificações de memórias coletivas, são elas que garantem e integram o indivíduo em seu grupo social.

Sem dúvida, o papel da memória é de reconstrução, sua função é trazer novamente à vida o já vivido, sobretudo, para lidar com acontecimentos que não foram vividos por uma geração específica. Assim, os eventos do passado se tornam quadros completos e definidos e ao dialogar entramos em contato com experiências de outros indivíduos que nos ajudam a nos construirmos enquanto sujeitos. Dessa maneira, convém abordar que são as lembranças e pensamentos dos grupos que fornecem dados para a perpetuação da nossa história.

De todo modo, haveria então uma memória pessoal, que são as lembranças pessoais e a memória social, caracterizada pela memória da sociedade. Para Halbwachs (2006), a primeira se sustenta na segunda para reafirmar seu quadro de lembrança, já que, “a história de nossa vida faz parte da história em geral (HALBWACHS, 2006, p.73)”. A grosso modo, a memória social nos apresentaria um quadro resumido e esquematizado do passado, ao tempo que nossa memória pessoal nos representa o passado de forma contínua e consistente.

Quando atribuímos significados aos acontecimentos damos movimento de continuidade à história e nessa travessia entre contextos sociais a memória passa a ser também um fenômeno pessoal e social, pois a memória do sujeito nunca é isolada do seu grupo, não está solta. Sendo assim, a memória acompanha a atividade humana, ela se materializa, mas não se torna algo concreto; sofre transformações; ela sempre aparece em novas formas e nuances, nos possibilitando a ideia de que está sempre em um processo contínuo, nunca parado.

Segundo Le Goff (2013), “a memória, a qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2013, p437 *apud* LARA, 2016, p. 2). Aqui, a memória recebe lugar de destaque na construção histórica da sociedade, pois o conhecimento do passado se assenta nas memórias e por meio das lembranças que ainda permanecem e que ainda vivem na consciência dos grupos sociais e se ordena e organiza para dar ao tempo presente o que foi salvo do passado. Dessa maneira, a memória é construída a partir de experiências vividas no passado e no presente. Portanto, não há ruptura com o passado, pois a mesma preserva seus laços para mais a frente estabelecer um vínculo de continuidade no presente.

Nessa perspectiva, convém abordar ainda outras duas categorias de memória discutidas por Halbwachs (2006): a memória histórica e a coletiva. Para o sociólogo essas duas concepções têm suas definições divergentes. Para o autor, a memória histórica é a reunião dos maiores fatos da história e tais acontecimentos e períodos narrados por essa “[...] são selecionados, comparados e classificados segundo necessidades ou regras que não se

impunham aos círculos dos homens que por muito tempo foram seu repositório vivo” (HALBWACHS, 2006, p. 100).

Assim, a memória histórica visa nos apresentar um quadro de descontinuidade com o passado, pois a mesma se estabelece por meio de acontecimentos classificados e selecionados. Esse ponto estabelece uma visão completa e definida sendo uma categoria de contexto vazio e abstrato relacionado à memória histórica, diferentemente da memória coletiva que se distingue em dois pontos: o primeiro seria o pensamento em continuidade com o seu grupo e o outro se encaixa na ideia de que existem várias memórias coletivas, pois o sujeito encontra se inserido em vários outros grupos que o constitui.

Dessa forma, a memória coletiva encontra sempre em continuidade no espaço/ tempo à medida que seu grupo permanece conectado com essas memórias, conforme afirma Halbwachs (2006):

A memória coletiva se distingue da história sob pelo menos dois aspectos. Ela é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, não ultrapassa os limites desse grupo (HALBWACHS, 2006, p. 102).

Por sua vez, como já havíamos dito a história se encontra em descontinuidade e “[...] aparentemente, a série de acontecimentos históricos é descontínua, cada fato está separado do que o precede ou o segue por um intervalo, em que se pode até acreditar que nada aconteceu (HALBWACHS, 2006, p.109)”. Para o autor, a história sempre apresentara para nós o passado de forma resumida e esquemática, pois, para ele nossas memórias se afirmam mais aos fatos realmente vividos do que naqueles representados cronologicamente.

A memória coletiva estabelece um vínculo de continuidade com os acontecimentos do passado para atrelar às necessidades do presente, uma vez que trata da memória dos grupos. Aqui o passado passa por uma reconstrução e ressignificação passando a transformar imagens do passado em narrativas sem rupturas, visando sempre uma relação de continuidade entre passado e presente. Nessa perspectiva, vê-se que a memória só guarda do passado o que está vivo, o que ainda está na memória do seu grupo e permanece na consciência dele. Por isso, o sentimento de continuidade como passado é buscado nos fatos do passado que se relacionem com o presente.

Contudo, não basta que haja a memória é preciso haver o sentimento tanto de continuidade como de pertencimento daqueles que lembram, mas para que essas memórias venham a reforçar e completar a memória das gerações mais novas “é preciso que as

lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem meu passado (HALBWACHS, 2006, p. 98)”. Portanto, a perpetuação de uma memória está enraizada nos grupos em que estamos envolvidos.

Convém frisar que, para que o ocorra o processo de memorização é preciso que a memória do sujeito esteja em consonância com as memórias do seu grupo, ou seja, que os dados estejam em comum acordo com os dos outros membros do grupo social que o sujeito está envolvido. Segundo Halbwachs (2006), no primeiro plano das memórias estão às experiências e os eventos do grupo, essas lembranças certamente envolvem a maioria dos membros do grupo que resultam das relações com os demais membros ou da sua própria vida individual.

Assim, é necessário que ainda existam laços e seus pensamentos ainda concorde com os do seu grupo, isto é, não basta somente que estes nos apresentem seus testemunhos ou reconstrua um determinado fato com exatidão. É preciso manter contato e, principalmente, que as suas memórias ainda concordem, ainda que existam pontos que ligam esses sujeitos a seus grupos.

É preciso, assim, que as lembranças de um grupo continuem sendo compartilhadas por seus membros para perpetuarem no tempo. Dessa forma, as lembranças são transportadas pela memória coletiva, mas a sua realização está interligada sobre o ponto de vista de cada um. Desse modo, a memória individual está assentada nas percepções da memória do seu grupo.

Como já vimos ao longo desta discussão, a memória se constitui como sendo por definição um produto social, em suas características, sejam elas biológicas ou culturais, que vão sendo compartilhadas ou assimiladas pelos grupos que compõem a sociedade, sendo o seu objeto de ligação o passado, que se configura em um antes. Zilberman (2006) observa que, o objeto da memória é exatamente o antes, pois a experiência que o sujeito experimentou ainda se encontra no seu cérebro, pois esse sujeito por sua vez, pode recorrer a ela sempre que necessário, de modo que, esta memória mantém laços com o conhecimento do passado, este serve para afirmar ou completar quadros de lembranças no presente.

Nesse sentido, a memória coletiva é entendida como uma reconstrução do passado já vivido, o que permite compreender que o ato de lembrar não envolve ou depende apenas do indivíduo que lembra, mas sua memória encontra-se em relação com os demais membros do grupo social que este pertence. Assim, as memórias do indivíduo são de certo modo, partes das memórias do seu grupo.

Por isso a importância da memória na reconstrução do antes é evidente, visto que esta reconstrução do passado está interligada à identidade pessoal de cada indivíduo, o que por sua

vez, movimenta a história no sentido de dar continuidade à nossa própria história de vida, garantindo a nossa integração aos grupos. Portanto, esse movimento entre o passado e o presente permite a perpetuação das memórias, tanto no nosso imaginário como no compartilhamento com os demais sujeitos.

Nesse caso, não cabe definir as memórias apenas como sentimentos de nostalgia e melancolia. Sua relação com o passado vai muito além de sentimentos de saudade, pois estreitar essa relação de integração é negar a fruição da história de um povo; como é descontinuidade com os laços que o sujeito mantém com seus ancestrais. Dessa forma, a memória acompanha a passagem do tempo, as sombras das nossas próprias lembranças que nos aproximam e nos mantém unicamente membros dos grupos sociais a qual fazemos parte.

Assim, atribuímos ao passado um lugar de referência, no qual os indivíduos estarão ligados a outros grupos onde uma identidade se interliga a de muitos outros. Pois, o passado ilumina o presente para construir o futuro no sentido de ser a ponte entre os dois tempos.

2.2 Memória e Identidade: articulações teóricas

Em contato com as questões da memória, discutiremos sobre outro grande fenômeno, a identidade. Como é sabido, a busca identitária é sempre acompanhada pela atividade memorial, no entanto, essa atividade de voltar ao passado acabar por modificar e transformar identidades já existentes, o que Hall (2006) coloca como crise das identidades, pois com as mudanças e transformações das estruturas que antes eram colocadas como fechadas agora o sujeito começa a se deslocar alterando assim, sua identidade. Stuart Hall (2006) traça uma reflexão sobre a crise identitária que o sujeito sofre por conta das transformações da sociedade. Essas transformações, por sua vez, acabam colocando a identidade desse sujeito em questão, pois se antes a sua identidade era vista como uma estrutura sólida que localizava os indivíduos nos seus grupos sociais, agora essas estruturas estão fragmentadas e o sujeito encontra-se deslocado.

Desse modo, a crise identitária coloca as identidades que antecederam um determinado grupo ou tribo em declínio, ou seja, suas velhas bases identitárias, fazendo surgir novas. Essa crise é vista como um processo de mudança amplo, isso porque descentra e desloca os quadros de referências que antes localizava o sujeito ao seu grupo. Assim, a crise das

identidades está relacionada ao aparecimento de novas bases identitárias e o que o sujeito tinha antes como apoio é colocado em questão.

Diante de tal afirmação, antes de abordamos questões sobre os aspectos identitários do povo negro ao pertencimento das culturas étnicas para a continuação da sua história e perpetuação das suas raízes vamos discutir sobre cada uma das três concepções de sujeito (identidades) comentadas por Stuart Hall (2006) que são: sujeito do iluminismo, sujeito sociólogo e sujeito pós-moderno.

Lembrando que, para entendermos as relações entre memória e identidade precisamos antes compreender o que é a identidade e como a mesma se relaciona com a memória, principalmente, com a memória do povo negro no fortalecimento e perpetuação de sua cultura e raízes. Nesse sentido, podemos ressaltar que, conseqüentemente, a busca da identidade está sempre relacionada ao já vivido e isso acontece através da atividade da memória, pois essa registra o passado para servir de construção do presente, isso porque ela tem grande participação na história de uma geração, servindo como ponte entre os dois tempos.

A primeira concepção discutida por Stuart Hall (2006) é o sujeito do iluminismo em que o autor diz que “o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior” (HALL, 2006, p.10). Esse sujeito é formado pelo que está situado na parte de dentro, ele tem consciência, razão. Por ser um sujeito unificado e centrado não sofre influências do mundo exterior, pois sua razão está ligada em si próprio e não nas mudanças e transformações da sociedade que o cerca. Assim, Hall (2006, p.11), vai dizer que essa concepção é “individualista”.

A segunda concepção abordada por Hall (2006) é o sujeito sociológico. Podemos dizer que a identidade desse sujeito é formada pela interação entre o eu e a sociedade, nas quais as relações que o mesmo estabelece com o meio influenciam suas ações. Nesse sentido, a identidade sempre se encontra em relação com o espaço interior e exterior, conforme ressaltava o autor:

[...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006, p.11).

O sujeito dessa concepção é modificado, por exemplo, pelas culturas exteriores, pelas crenças, pelas visões de mundo e as identidades que estes meios lhes oferecem. Assim, sua

identidade é formada por meio e através das relações deste sujeito com o seu meio social, cultural e político.

Podemos observar que a partir dessa segunda concepção a identidade do sujeito não se encontra em um quadro fechado e isolado, mas mostra vestígios de interação com o seu meio, como o diálogo com as culturas e saberes. Pois, se antes o sujeito tinha sua identidade unificada e estável guiada por si próprio, agora ele se encontra composto por diferentes identidades. Isso porque sua identidade não é algo fixo, mas algo que está sendo construído, principalmente, pelas mudanças da sociedade.

O processo das transformações globais, as mudanças sociais e as estruturas produzem o que Hall (2006) chama de sujeito pós-moderno. Esse sujeito não tem uma identidade fixa ou permanente, mas sua identidade é formada e transformada continuamente, como também “[...] é definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente (HALL, 2006, p.13)”.

Essa terceira concepção de identidade colocada por Hall (2006) como fragmentada, em que o indivíduo passa a ter várias identidades vistas como contraditórias, encontra-se em um processo de andamento, pois a identidade está em aberto. Dessa maneira, as culturas, as visões de mundo, os saberes, os valores, os símbolos e as experiências compartilhadas constroem sentimentos de pertencimentos, uma vez que as identidades encontram-se inacabadas.

Assim, a identidade do sujeito pós-moderno não é imutável e permanente, visto que:

[...] o processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático e é isso que produz o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial e permanente. (HALL, 2006, p.35).

De fato, as identidades, por essa óptica tornam-se transitivas e variáveis, se sobrepondo às negociações culturais e se formando através de processos inconscientes, permanecendo sempre incompleta e não formada. Podemos dizer, ainda, que essa constituição de identidade se enquadre na concepção compreendida como inacabada e não terminada, conforme explica Hall (2006, p.08): “Nessa perspectiva, as relações de identidade são capazes de construir significados coletivos e individuais [...] que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”. Isso permite uma

nova reapropriação nas interações sociais nos grupos que os sujeitos estão inseridos. Portanto, cada movimento identitário é sustentado pelas ações sociais.

Pois sua vez, a memória alimenta a identidade não no sentido de ser o instrumento formador desta, mas o instrumento condutor desse processo. Podemos ressaltar ainda que, o seu trabalho seja de reapropriação, fazendo com que os sujeitos permaneçam conscientes em meio às crises e transformações da sociedade. Conforme aponta Candau (2012, p.16) “é a memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo: assim restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade”. Por isso que a identidade está estreitamente ligada à memória e um dos principais aspectos que regem esta relação é o sentimento de continuidade. As duas, por sua vez, sofrem influências do contexto, dos grupos, dos ambientes, das culturas. Assim, a memória fortalece a identidade, tanto individual como coletiva.

E mesmo representando dois fenômenos distintos, memória e identidade não se impõem uma sobre a outra, mas se reapropriam do elemento que as duas têm em comum, que é o passado, para manter o sujeito consciente em meios às mudanças e rupturas da sociedade. As lembranças guardadas do passado permitem perpetuar o sentimento de pertencimento, que por sua vez, fortalece o sentimento identitário com suas raízes.

Ao longo das décadas, a memória tem sido objeto de estudo, vista não apenas como um sistema neurobiológico, mas como uma manifestação variável que constitui saberes e experiências relacionadas a grupos sociais no âmbito da individualidade e da coletividade. Desse modo, embora representando dois universos, a memória representa um jogo social, no qual a identidade se encontra imersa. Nesse sentido, a identidade está estreitamente ligada à memória, uma se amparando na outra para “produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAUI, 2012, p.16)”.

Para Joel Candau (2012), a atividade da memória e da identidade deve ser pensada sobre a óptica do compartilhamento. Nisso podemos citar como exemplo as memórias dos velhos, a figura do ancião. Para muitas culturas, ela é tida como guardadora das memórias e tem a missão de compartilhar as memórias para as gerações seguintes, em que o mesmo participa de duas posições de compartilhamento, sendo a primeira o sujeito que viu, presenciou e participou e a segunda são as representações das memórias com base na oralidade. Nesse sentido, o idoso tem fundamental importância na transmissão das memórias do seu povo, pois eles passam a ser guardiões da sua tradição, da cultura, dos saberes, de suas crenças, pertencendo a eles não só a memória familiar, bem como a do grupo. Ao tempo que

compartilha suas memórias, os velhos levam adiante o conhecimento que pertenceu a gerações passadas.

As memórias dos mais velhos, segundo Bosi (1979), são tidas como corretas, isso porque sua memória é definida nos mostrando quadros fechados e acabados, ou seja, quadros esses já finalizados. Segundo explica Bosi:

Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1979, p. 22).

É por meio do compartilhamento das memórias que se constrói o sentimento de identidade. Isso porque a busca pela memória é guiada pelo pertencimento e pelo desejo de continuidade, com uma identidade reforçando a outra, conforme aponta Candau (2012):

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não se busca identitária sem memória e, inversamente, a busca de memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade (CANDAU, 2012, p.19).

Assim, o jogo da memória é um meio de continuidade não só de uma geração passada, mas da nossa própria identidade, do que somos e pensamos, de como somos e a narrativa que construímos no espaço/tempo. Por isso, a razão da não dissociação uma da outra, pois as mesmas se mantêm ligadas moldando e sendo moldadas pelas relações que os indivíduos estabelecem com o seu meio.

Em conformidade com as questões que tangem as relações identitárias do povo negro ao sentimento de pertencimento às culturas étnicas para a construção e continuação de suas histórias, cultura e raízes aos valores herdados ao longo das décadas, a memória é um vínculo fundamental para o fortalecimento e transmissão de sua tradição gerando, assim, a identidade por meio do processo memorial.

A partir dessa observação, podemos nota que para construir uma identidade contraria da imposta pelo colonizador, os povos africanos passam a fundar bases que sustentam suas tradições, que afirmam o passado como instrumento de representações e valorização da cultura de uma nação consolidada. Nessa perspectiva, a literatura surge como instrumento de resistência na busca de uma identidade própria assim, os escritores passam a incorporar o desafio de serem a gentes difusores da história de sua nação.

Visto isso, a transmissão da identidade por meio do texto literário se torna um fator social, pois a mesma projeta e alimenta as raízes dos africanos no sentido de dar continuidade a sua cultura por meio da palavra escrita concebendo a memória como testemunha do passado. Portanto, a identidade não só alimenta a história mais molda as relações que os sujeitos mantêm com passado já vivido por uma geração que o antecedeu mantendo sempre um laço com o espaço interior e exterior.

Na área das literaturas, na literatura africana os autores fazem de suas obras um campo e espaço para discutir a questão da identidade africana fazendo retomadas ao passado para se construir o presente. Mas até onde podemos dizer que tal processo identitário é tido como acabado se de acordo com as teorias as transformações da sociedade fazem surgir novas identidades e desaparecer identidades tidas como imutáveis?

Podemos dizer que, a luz das experiências de certa forma a identidade não pode ser vista como fixas e coerentes visto que, a cada experiência nos tornamos compostos por varias identidades que não se confundem uma com a outra, mas, se moldam com as mudanças e transformações do meio que estamos inseridos, se sustentam através do grupo permanecendo até o momento de consolidação desses grupos.

São as narrativas fixadas no inconsciente, às histórias, as literaturas nacionais, a cultura que fornecem e representam as experiências compartilhadas e partilhadas que atribuem significados a nossa existência ao tempo que nos mantém conectados com as relações do cotidiano, como ressalta Hall (2006):

[...] há a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular essas fornecem uma série de estórias imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membros de tal comunidade: imaginada, nos vemos, no olho de nossa mente, como compartilhando dessa narrativa. Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas (HALL, 2006, p.52).

Dessa maneira, a perpetuação das tradições colocadas pelo autor são imagens que servem para a construção das identidades. Ao tempo que, cotidianamente, nos inserimos em experiências que representam ou já representaram símbolos e significados para uma determinada geração, essas experiências, por sua vez, acabam por criar pontes entre o passado, presente e futuro. Desse modo, as relações a serem determinadas já não ficarão para um grupo só, mas seguirão o curso de movimento da história fazendo chegar à realidade social de outros sujeitos.

Segundo Bosi (1979), isso ocorre simplesmente pelo fato de as memórias dos indivíduos pertencerem a inúmeros grupos, não somente entre corpo e espírito: “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1979, p. 17)”. Isso porque, carregamos conosco um determinado número de referências que nos situam no espaço/tempo dando continuidade a história das gerações que nos antecederam.

Embora a definição de memória e identidade estabeleça paradigmas divergentes com relação aos seus conceitos, as duas se inter cruzam para formar no sujeito ideologias, referências, saberes e visão de mundo movida sempre pelo desejo de pertencimento a uma determinada comunidade cultural. Assim, o sujeito, a partir de suas ações com mundo, produz significados e, esses significados aliados as suas ações permitem vivenciar uma condição mais singular e subjetiva para construir e dar movimento a história.

Podemos dizer que um dos pontos que ligam os dois conceitos é a vontade de perpetuar as tradições que se recebeu como legado. A herança memorial traduz eventos através do sistema de representação, caminhando em diferentes épocas e da mesma maneira podemos dizer a respeito da identidade o que causa visões diferentes sobre como essas identidades são vistas sobre olhar das representações.

Hall explica que “[...] a moldagem e a remoldagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre a forma como as identidades são localizadas e representadas (HALL, 2006, p.71)”. Entende-se que as identidades não estão ali prontas e terminadas cada indivíduo molda a sua identidade seguindo um sistema de representações que o localiza no espaço tempo sobre diferentes efeitos por isso que, estão em constante deslocamento pelo fato das estruturas do tempo caminhar com as mudanças sociais.

Como vimos todas as identidades são localizadas no espaço/tempo, inferindo-se nas tradições, nas culturais e simbologias ligando passado e presente conectando os indivíduos às narrativas históricas, que perpetuaram por meio dos eventos mais amplos da história das civilizações. Segundo Stuar Hall (2006), no campo da identidade existe uma separação entre espaço e lugar. Para ele, esse lugar é fixo, conhecido e familiar, é nele que nossas identidades estão ligadas moldando o sujeito e formando-o. Já o espaço, pode ser cruzado e nele não criamos raízes. Essa separação é notada cada vez mais com a chegada da modernidade em vista que os lugares estão sendo moldados pelas influências sociais, conforme explica Gidens (1990):

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o lugar eram amplamente coincidentes, uma vez que as dimensões espaciais da vida social eram, para a maioria da população, dominadas pela presença "por uma atividade localizada ... A modernidade separa, cada vez mais, o espaço do lugar, ao reforçar relações entre outros que estão "ausentes", distantes (termos de local), de qualquer interação face-a-face. Nas condições da modernidade ..., os locais são inteiramente penetrados e moldados por influências sociais bastante distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente aquilo que está presente na cena; a "forma visível" do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza (GIDDENS, 1990, p. 18 *apud*. HALL, 2006, p. 72).

De todo modo, projetamos o presente em volta do passado e do tempo das tradições. Essa atividade, por sua vez, acaba por colocar todas as identidades do sujeito no espaço simbólico, muitas vezes, moldados pela influência da chegada da modernidade modificando as estruturas que antes eram apoio desse indivíduo. Essas estruturas tornam-se bastantes distantes dos eventos que conectavam suas narrativas ao cotidiano fazendo com que apenas o seu lugar seja algo estável, mas atravessado pelo espaço em que pode ser cruzado por qualquer objeto.

Dessa maneira, o sujeito passa a não ter uma identidade fixa ou permanente, mas torna-se formada e transformada continuamente pela chegada da modernidade e pelas mudanças nas estruturas da sociedade. Portanto, memória e identidades não são algo imutável, ou seja, cada sujeito muda no decorrer do tempo, tornando-se composto por várias identidades, pois seria impossível ser o mesmo em todos os lugares e em diferentes momentos.

Segundo Mia Couto (2011) nos tornamos várias pessoas convivendo com diferenteseus, com diferentes diversidades de nós mesmos. É interessante pensar que a conexão que mantemos com essas identidades nos ligar com outras bases identitárias e nelas nos afirmamos, contudo não somos os mesmos em diversos modos de agir "é que nós somos sempre não uma, mas várias pessoas (COUTO, 2011, p.80)". Nessa perspectiva, se inscreve a passagem da obra de João Guimarães Rosa (2001) o autor ressalta que "o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam (ROSA, 2001, p.39)".

Por isso que identidade é fenômeno que leva o sujeito ao conhecimento de si por meio de suas lembranças do passado, fazendo com que as mesmas sirvam para a construção de suas bases identitárias tanto no presente como no futuro. Pois cada sujeito se encontrar completamente ligado a verdades que conta quem somos e o que somos ao passo de cada experiência tanto em relação a nossa identidade pessoal e como social. Essas experiências

acabam por transformar os sujeitos justamente pelo fato de sua identidade não está terminada, pois, a cada dia mudamos e nos transformamos fazendo com que essa experiência nunca seja vivida da mesma forma duas vezes seguida.

Por fim, memória e identidade são fenômenos humanos que se manifestam de diferentes maneiras variando em cada indivíduo e os grupos que esses sujeitos estão inseridos bem como a sociedade que estes estão envolvidos. Assim, a identidade é formada entre indivíduo e sociedade tomando como instrumento condutor desse processo a atividade memorial.

3. ANÁLISE DO CONTO “CHUVA: A ABENSONHADA” (2012), DO ESCRITOR MOÇAMBICANO MIA COUTO

A narrativa escrita por Mia Couto carrega profundas marcas culturais que servem na difusão dos valores e tradições africanas dessa forma, o autor inscreve significados através das memórias que ali são contadas pelas personagens surgindo o sentimento de pertencimento identitário.

O conto “Chuva: a abensonhada (2012)” faz parte no livro *Estórias Abensonhadas* (2012), do escritor Mia Couto um dos maiores escritores em atividade em Moçambique. Neste sentido, a obra que buscamos trabalhar na presente pesquisa tem como cenário Moçambique carregando sentidos de memória e identidade ao construir uma narrativa com marcas culturais. Assim, em uma prosa poética o escritor transcreve para o texto literário as memórias e as tradições africanas passadas de uma geração para outra, se entrelaçando imaginário e realidade, bem como oralidade e escrita.

Neste cenário, a literatura se apresenta como um espaço na qual ocorre à permanência e continuidade das memórias, das identidades, das tradições, dos costumes, dos conhecimentos e dos ensinamentos por meio de uma escrita que mescla elementos do cotidiano dos sujeitos com o as histórias e experiências dos antepassados. O conto “Chuva: a abensonhada” (2012) faz simbologia a elementos constantes da escrita de Mia Couto, a terra e a água, o homem e o ser místico atrelando a eles significados importantes para a construção e permanência das novas e velhas identidades para a continuidade e fortalecimento das mesmas.

Nesta perspectiva, o conto mostra a passagem de Moçambique, quando o narrador-personagem reflete sobre o longo período que assolou seu país ao contemplar a beleza da sua terra com o cai da chuva, mas também mostra o desejo de construir uma nação por meio da coletividade:

Estou sentado junto da janela olhando a chuva que cai há três dias. Que saudade me fazia o molhado tintintinar do chuvisco. A terra perfumegante semelha a mulher em véspera de carícia. Há quantos anos não chovia assim? De tanto durar, a seca foi emudecendo a nossa miséria. O céu olhava o sucessivo falecimento da terra, e em espelho, se via morrer. A gente se indaguava: será que ainda podemos recomeçar, será que a alegria ainda tem cabimento? Agora, a chuva cai, cantarosa, abençoada. O chão, esse indigente indígena, vai ganhando variedades de belezas. Estou espreitando a rua como se estivesse à janela do meu inteiro país (COUTO, 2012, p.28).

Como podemos observar, a chuva cai coberta de simbologia, ela liga os sujeitos às memórias e os ensinamentos dos seus antepassados e como vimos aqui mostrar o recomeço na

história identitária de Moçambique que projeta e alimenta as raízes dos africanos atribuindo-lhes o sentido de continuidade às suas histórias e representando um diálogo entre seu passado e o seu presente.

Nessa perspectiva, a figura do idoso tem fundamental importância na transmissão das memórias, na construção e permanências das identidades do seu povo, pois a eles pertence não apenas a memória familiar, bem como a do seu grupo. Como é o caso da Tia Tristereza, que através de suas memórias resiste à sabedoria ancestral e os ensinamentos do seu povo. Tristereza acredita que os antepassados estão diretamente ligados com aqueles que estão vivos, pois para ela:

“[...] a chuva não é assunto de clima, mas recado dos espíritos [...] a chuva está a acontecer devido das rezas, cerimónias oferecidas aos antepassados. Em todo o Moçambique a guerra está parar. Sim, agora já as chuvas podem recomeçar. Todos estes anos, os deuses nos castigaram com a seca. Os mortos, mesmo os mais veteranos, já se ressequiam lá nas profundezas. (COUTO, 2012, p.28)”.

Dessa forma, Tristereza dá continuidade às identidades que lhes antecederam a partir de sua sabedoria, mas também dá movimento a sua própria identidade continuando sua cultura, sua tradição, seus valores, suas crenças. A preocupação da Tia Tristereza em mostrar ao sobrinho a ligação com os antepassados se inscreve na resistência de manter a tradição e a cultura, e ensiná-lo a perpetuar, preservar e manter esses conhecimentos. Ela ensina-o a não esquecer sua ligação com seus ancestrais.

O narrador-personagem, por sua vez, busca manter se consciente da sua realidade, mas não desviando do diálogo que mantém com sua Tia Tristereza. Enquanto, ele observar sua Tia arrumando o quarto, o seu olhar está voltado para os acontecimentos do mundo material, as questões econômicas, políticas e sociais revelando preocupação com o futuro, como por exemplo, a seca que assolou o país, a duração e as consequências da forte chuva. Como destacamos a seguir em algumas de suas inquietações:

— Mas, Tia Tristereza: não será está chover de mais?

[...] Mas dentro de mim persiste uma desconfiança: esta chuva, minha tia, não será prolongadamente demasiada? Não será que à calamidade do estio se seguirá a punição das cheias? (COUTO, 2012, p. 29).

Diferentemente do narrador-personagem que narra à história em uma perspectiva material e social, Tristereza mostra outro tipo de conhecimento, a sabedoria ancestral que coloca o homem e o ser místico como a gentes significativas na construção dos valores.

Para a Tia Tristereza a chuva não está a acontecer apenas como um acontecimento meteorológico, mas, como uma ação divina para limpar o sangue derramado pelas guerras, quando a mesma ressalta: “— Nossa terra estava cheia do sangue. Hoje, está ser limpa, faz conta é essa roupa que lavei (COUTO, 2012, p. 28)”. Tia Tristereza, sempre atribuindo ao ser místico uma força superior, sendo o homem incapaz de desvendar, cabendo-o apenas compreender.

Como podemos notar, o narrador personagem do conto é um sujeito cuja identidade é formada pela interação entre o seu eu pessoal e o seu meio social, isto é, a ação desse sujeito sofre influências da sociedade. Hall (2006) afirma que esse sujeito, ou seja, o sujeito sociológico é formado e modificado pelo diálogo contínuo com o mundo interior e as relações que este lhe oferece. No conto isso fica evidente quando o personagem estabelece uma relação com o seu tempo enquanto presencia a chuva que cai e sua percepção é de inquietação que possibilita a atuação de incerteza, pois a chuva torna-se apenas um evento meteorológico do mundo material e suas consequências podem ser devastadoras.

Conforme veremos no fragmento a seguir, a maior preocupação do narrador-personagem são as consequências e as destruições que a chuva pode causar ao seu país e as mazelas que ela pode trazer para o povo, por isso o desejo de sair, de deixar a casa de sua Tia para ir ver a rua. Ao contrário dele, Tia Tristereza pertence ao mundo há mais tempo e não tem tantas inquietações. Para a ela a chuva veio como sinal de bênção, de recomeço:

Espreito a rua, riscos molhados de tristeza vão descendo pelos vidros. Por que motivo eu tanto procuro a evasão? E por que razão a velha tia se aceita interior, toda ela vestida de casa? Talvez por pertencer mais ao mundo, Tristereza não sinta, como eu, a atração de sair. Ela acredita que acabou o tempo de sofrer, nossa terra se está lavando do passado. Eu tenho dúvidas, preciso olhar a rua. A janela: não é onde a casa sonha ser mundo? (COUTO, 2012, p.29,30).

O olhar do narrador personagem é crítico construído principalmente pelo longo processo histórico que seu país passou durante a colonização, os conflitos e guerras civis. Isso acaba por difundir no sujeito uma consciência mais centrada, mais voltada para as questões sociais, econômicas, políticas, culturais. Assim, esse sujeito assume um compromisso com sua nação dialogando com sua própria realidade.

Observa-se então que a percepção do narrador-personagem se inscreve no processo de transformações e mudanças nas estruturas do seu meio. Podemos dizer que a identidade dele não é uma identidade fixa, pois ele encontra-se em relação com os ensinamentos e a sabedoria dos seus ancestrais e em interação com as questões que envolvem o seu meio social.

Essas questões, no entanto, não desligam esse sujeito de suas raízes, mas suas ações são ressignificadas para um agir mais autônomo. Isso porque sua identidade está sendo construída em interação com seu grupo e com a sociedade. Serão assim, as experiências compartilhadas/partilhadas pelo seu grupo que constroem o sentimento de pertencimento, pois cada movimento identitário é sustentado pelas ações sociais. Portanto, ao assumir essa atitude mais centrada e consciente o narrador alimenta, segundo Hall (2006) sua velha e nova identidade.

Stuar Hall (2006) ressalta que, os indivíduos são compostos não só por uma, mas por várias identidades, uma vez que seria impossível ser o mesmo em diferentes lugares. Nessa perspectiva, a memória é um elemento importante, pois ela nos localiza aos nossos grupos e raízes e nos deixa consciente com relação a nossa história de vida e a dos outros que nos antecederam.

Diferentemente das pessoas idosas que presenciaram acontecimentos já finalizados e desenvolvidos como as guerras, a colonização, a escravidão, entre outros, e já se encontram em quadro fechado, o jovem ainda tem seu quadro aberto em andamento ainda está em continuidade com os conhecimentos que estão ao seu redor. Como enfatiza Bosi (1979), a memória dos mais jovens ou adultos “[...] ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade (BOSI, 1979, p. 23)”.

Memória e identidade são dois fenômenos que nos deixam conscientes do que somos e como somos com a passagem do tempo, pois não existe busca de identidade sem a atividade memorial e não existe volta ao passado sem o desejo de se sentir pertencido a alguma narrativa de vida. Se por um lado, a memória situa o sujeito e conecta o mesmo as suas raízes a identidade por outro lado, nos conecta ao mundo real tal qual como ele é. Esses movimentos localizam os indivíduos no espaço/tempo deixando-os mais conscientes em relação ao passado e a realidade que ele se encontrar.

Assim, cada elemento é visto sobre dois pontos individuais, do ponto de vista da identidade pessoal de cada um e da identidade construída ao longo das mudanças estruturais, mas que no final formam uma única imagem. Como é o caso da velha Tia Tristereza que ao olhar o céu, as nuvens, a chuva, a terra acabam revelando outros entendimentos, conforme o narrador aponta:

Tristereza olha a encharcada paisagem e me mostra outros entendimentos meteorológicos que minha sabedoria não pode tocar. Um pano sempre se reconhece pelo avesso, ela costuma me dizer. Deus fez os brancos e os pretos para, nas costas

de uns e outros, poder decifrar o Homem. E apontando as nuvens gordas me confessa: — Lá em cima, senhor, há peixes e caranguejos. Sim, bichos que sempre acompanham a água. E adianta: tais bichezas sempre caem durante as tempestades. — Não acredita, senhor? Mesmo em minha casa já caíram. — Sim, finjo acreditar. E quais tipos de peixes? (COUTO, 2012, p.29).

Neste sentido a chuva, a terra, as nuvens e a janela são observadas de maneira diferentes pelas personagens do conto. Enquanto um é mais moderno, inquieto, preocupado com os acontecimentos do seu tempo, centrado pelo conhecimento oferecido pela ciência, a outra resiste à sabedoria e ensinamentos que lhe foram passados anteriormente, perpetuando e mantendo os valores que lhe foram dados como herança.

Conforme observamos a identidade está ligada a ação pessoal de cada sujeito seus sentimentos, emoções, significados e experiências que fazem de um determinado indivíduo guardador de uma herança, seja ela histórica ou cultural. Portanto, ao passar sua sabedoria ancestral a velha Tia Tristereza retoma as suas referências para construir e manter um diálogo com os seus antepassados, que é possível através da atividade memorial que preserva o seu quadro de referências e os mantém em relação com o seu grupo.

Destacamos então que a atividade da memória desempenha um papel fundamental na história do povo negro africano. Podemos dizer que a memória é um recurso exterior vista como guardadora das heranças ancestrais, fazendo com que o indivíduo se sinta enraizado e pertencente ao um determinado grupo. Assim, a mesma não está ligada apenas a individualidade, mas se sustenta em lembranças do passado de uma coletividade, isto é, ao conhecimento e ensinamentos dos mais velhos, mantendo o sujeito consciente do seu lugar no grupo a qual faz parte.

Maurice Halbwachs (2006) ressalta que o conhecimento e as referências que nos sustentam são sempre apoiados em memórias coletivas, pois ao voltamos ao passado carregamos um determinado número de grupos que nos ajudam nessa travessia entre passado, presente e futuro. Assim, as lembranças dos sujeitos não são apenas suas, mas funcionam a partir de dados que estejam em seu eu pessoal e de outros.

Isso se estabelece no conto à medida que a Tia Tristereza vai arrumando o quarto e dialogando com seu sobrinho, ela toma para si os posicionamentos, as visões, os pontos de vista do seu grupo para manter sua memória individual, sustentada na memória coletiva que não é apenas uma memória ancestral, mas fundada na sabedoria do grupo de referência. Tristereza é uma velha senhora que revela sentimentos pelo seu país, tem consciência do seu lugar, do seu modo de vida, suas crenças, mas também não fecha os olhos para as mazelas que

seu país passou durante a colonização, os conflitos e as guerras que se deram em Moçambique. Dessa forma, a personagem não abandona sua identidade e nem sequer suas referências culturais.

A idosa senhora não tem dúvida: a chuva está a acontecer devido das rezas, cerimónias oferecidas aos antepassados. Em todo o Moçambique a guerra está parar. Sim, agora já as chuvas podem recomeçar. Todos estes anos, os deuses nos castigaram com a seca (COUTO, 2012.p.28).

Como é de costume na tradição africana, as memórias dos mais velhos muitas vezes são transmitidas oralmente. Contadas a volta de uma fogueira, debaixo de uma árvore, nas rodas de danças, nas brincadeiras, nos jogos, e no dia-a-dia por meio de histórias, mitos, lendas, adivinhas, provérbios e contos populares. Além disso, também são passadas oralmente em rituais, cerimônias, cultos, rezas e orações que resistem no imaginário dos indivíduos construindo assim um diálogo com a cultura ancestral. Dessa forma, essas crenças e tradições são vistas como relações simbólicas que influenciam os integrantes dos grupos, seja familiar ou social. Assim, compreendemos que a geração dos antepassados está conectada com a linhagem mais nova.

Para Tia Tristereza a chuva não é assunto de clima mas recado dos espíritos.
[...] — A chuva está limpar a areia. Os falecidos vão ficar satisfeitos (COUTO, 2012, p.28, 29).

A importância da palavra falada mesmo depois do aparecimento da escrita torna-se um elemento importante na transmissão e preservação dos valores culturais e tradicionais do povo africano. Ela indica a perpetuação dos saberes passados de pais para filhos e avós para netos e são tradições que se mantém conforme Halbwachs (2006), pela memória que através delas cada grupo ou tribo se encontra em continuidade com suas raízes preservando e mantendo sua identidade pessoal.

Essa atividade ganha ainda mais força pela memória, que guarda determinados saberes que o sujeito pode recorrer sempre que precisar, pois a oralidade continua sendo parte primordial tanto na identidade individual como na identidade coletiva. Assim, atividade oral é considerada como a memória viva dos antepassados onde sobrevivem os ensinamentos e a sabedoria ancestral. Através dela, cada povo encontra suas raízes e dar continuidade a sua identidade.

A velha acabou o serviço, se despede enquanto vai fechando as portas, com lentos vagares. Entrou uma tristeza na sua alma e eu sou o culpado. Reparo como as plantas despontam lá fora. O verde fala a língua de todas as cores. A Tia já dobrou as despedidas e está a sair quando eu a chamo: — Tristereza, tira o meu casaco (COUTO, 2012, p.30).

Dessa forma a tradição oral conduz o sujeito ao conhecimento de sua história e as experiências vividas anteriormente por uma geração, sendo a principal fonte histórica que pode ser ligada para a perpetuação de saberes, de modos de vida, de hábitos, de costumes, de crenças, de memórias. Podemos determinar então que a tradição oral é amparo de construção e reconstrução das bases identitárias; legado coletivo, transmitida para as gerações presentes pela escrita de escritores que buscam manter as identidades vivas.

Seguindo essa perspectiva, é comum nas tradições ancestrais a figura do idoso sentar-se com os mais jovens para passar os ensinamentos do seu povo. No conto “Chuva: a abensonhada (2012)”, a tradição oral conduz o escritor a tecer a história em movimentos simbólicos que mesclam elementos místicos com elementos da realidade. As palavras poéticas do escritor Mia Couto dão um sentido, captura a linguagem, o dialeto, a vida cotidiana das personagens sem romper com a realidade de um país que passou quase trinta anos em guerra.

Na história escrita por Mia Couto a chuva é considerada um elemento simbólico, concedida pela ação divina. O narrador passa a questionar o significado que a chuva poderá ter para o seu país, pois para a Tia Tristereza pode representar recomeço, mas para seu sobrinho representa duras consequências, principalmente pelo fato de que a chuva já caía a três dias levando-o a se preocupar com a quantidade e a durabilidade dela. E de novo o narrador-personagem observa a calma que se encontra sua Tia em meio a tanta chuva e volta a questioná-la:

De novo, ela lonjeia seus olhos pela janela. Lá fora continua chovendo. O céu devolve o mar que nele se havia alojado em lentas migrações de azul. Mas parece que, desta feita, o céu entende invadir a inteira terra, juntar os rios, ombro a ombro. E volto a interrogar: não serão demasiadas águas, tombando em maligna bondade? A voz de Tristereza se repete em monotonia de chuva. E ela vai murmurando: o senhor, desculpe a minha boca, mas parece um bicho à procura da floresta (COUTO, 2012, p.29).

De novo Tia Tristereza se repete, passando através de sua memória coletiva a sabedoria que lhe foi passada como herança, atribuindo à chuva um sentido místico ligado a ao povo falecido quando a mesma afirma: “— A chuva está limpar a areia. Os falecidos vão

ficar satisfeitos. Agora, era bom respeito o senhor usar este fato. Para condizer com a festa de Moçambique... (COUTO, 2012, p. 29)”. Nesse sentido, o processo memorial de Tia Tristereza conduz a um movimento temporal aberto guiado pela memória coletiva ao passar para seu sobrinho suas crenças, seus rituais, seus sinais, suas sabedorias e seus ensinamentos.

Verifica-se que as narrativas transmitem conhecimento e tradições que ligam uma geração passada a uma nova geração, pois sua identidade ainda se encontra em continuidade no espaço/tempo por meio do sentimento de pertencimento. Daí a importância da perpetuação das memórias, pois significam os movimentos, a continuidade e a permanência das identidades que antecederam os sujeitos.

No conto de Mia Couto, o autor se utiliza da ambientação local, da linguagem, dos dialetos, dos dizeres, dos elementos reais e irrealis da cultura africana para construir uma narrativa fantasiosa e imaginária desenvolvida ao agregar o movimento temporal da memória repassada e assimilada pelos ouvintes das tradições, sejam elas orais ou escritas. Assim, os contos africanos são utilizados como perpetuação e passagens de costumes e valores, das memórias e identidades.

Dessa forma, as mensagens passadas através das narrativas constroem o sentimento de continuidade e pertencimento. Essa mensagem, por sua vez, é colocada incluindo o mundo antigo em confronto com os elementos do mundo moderno. Portanto, essas palavras buscam a construção do futuro ancoradas das memórias e ensinamentos do passado, pois à medida que as histórias são contadas e recontadas movimentam a identidade individual e coletiva de cada sujeito que se sinta pertencido a um determinado grupo.

[...] Não, a chuva não esqueceu os modos de tomar, diz a velha. E me explica: a água sabe quantos grãos tem a areia. Para cada grão ela faz uma gota. Tal igual a mãe que tricota o agasalho de um ausente filho. Para Tristereza a natureza tem seus serviços, decorridos em simples modos como os dela. As chuvadas foram no justo tempo encomendadas: os deslocados que regressam a seus lugares já encontrarão o chão molhado, conforme o gosto das sementes (COUTO, 2012, p.29).

Como é sabido as obras de Mia Couto são de uma literatura do período pós-independência, assim suas obras são caracterizadas pelo neologismo, marcas orais, resgate das tradições, a busca por uma identidade nacional como também a valorização da memória cultural do seu país. Nessa perspectiva o conto “Chuva: a abensonhada (2012)” retoma os dizeres e a valorização tanto da terra como das culturas moçambicanas ao dialogar com os elementos de um passado de conflitos e o desejo de construir uma nova história.

Nesse sentido, o conto absorve as características da oralidade ancoradas na linguagem da cultura africana, principalmente, por meio da personagem Tia Tristereza, que movimenta a narrativa com as histórias dos antepassados por meio de suas memórias. No entanto, dentro do conto cada personagem movimenta a história de um ponto de vista pessoal, ou seja, do ponto de vista da sua subjetividade suas emoções e sentimentos seus.

A narrativa que as personagens partilham introduz a participação de seres divinos e seres humanos, na qual o presente projeta e alimenta o futuro para a continuidade das tradições. Assim, ao decorrer da narrativa se estabelece um diálogo com diferentes sabedorias que contribuem para a permanência da história de vida do seu povo, pois ao partilhar suas vivências apropriam-se tanto do conhecimento antigo dos ancestrais, como também do conhecimento atualizado atribuindo a eles novos sentidos e significados.

Tia Tristereza, acaba por se entristecer perante teimosia de seu sobrinho e “[...] se despede enquanto vai fechando as portas, com lentos vagares. Entrou uma tristeza na sua alma e eu sou o culpado. Reparo como as plantas despontam lá fora. O verde fala a língua de todas as cores (COUTO, 2012, p.30)”. Como vimos, no fragmento em análise os elementos da ambientação colocados na narrativa incorporam significados fundamentais na aproximação das personagens que se sucedem pela das imagens estabelecidas pelo desejo de festejar o recomeço de Moçambique.

O conto finaliza, com a ligação entre o real e o imaginário que se detém na memória e no desejo de continuidade das identidades pelas personagens. São desejos fundados na memória ancestral que resistiram por meio do sentimento de pertencimento de Tia Tristereza ao seu grupo de referência.

Ela se ilumina de espanto. Enquanto desce o cabide, a chuva vai parando. Apenas uns restantes pingos vão tombando sobre o meu casaco. Tristereza me pede: não sacuda, essa aguinha dá sorte. E de braço dado, saímos os dois pisando charcos, em descuido de meninos que sabem do mundo a alegria de um infinito brinquedo (COUTO, 2012, p. 30).

Assim, no fragmento acima são notadas marcas importantes de permanência e continuidade das identidades, sustentado pela memória que sobrevive no imaginário dos sujeitos pelo desejo de se sentir pertencido a alguma narrativa de vida. Podemos destacar as marcas simbólicas presentes na passagem dos ensinamentos, das crenças, dos valores, das tradições, dos rituais.

Dessa forma, a sombra das lembranças do sujeito aproxima e o mantém unicamente relacionado com o seu grupo. Isso faz com que cada experiência desenvolvida nessa relação

contribua para um saber mais significativo do seu eu pessoal e dos outros, sobre uma optica de compartilhar e partilhar sua memória individual e coletiva para a construção do presente com base no antes. Assim, o passado será sempre seu lugar de referência e não de permanência, pois se encontra em relação com a cultura do seu grupo e as mudanças do seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo das discussões, discutir sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa é trilhar a memória coletiva do povo africano. E mais especificamente as memórias do povo moçambicano que busca preencher a lacuna deixada pelo processo de colonização em sua história por meio da sabedoria ancestral e das tradições passada para as gerações seguintes pelo desejo de se conecta com as identidades que lhes antecedeu.

Desse modo, o motivo que cada sujeito reconstrói e constrói novamente o já vivido, por meio de suas lembranças, se relaciona ao desejo de sentir-se inserido ao determinado grupo. Pois cada grupo se reapropriam das experiências do passado para constrói sua identidade, afirmar sua cultura, fortalecer suas tradições e vivenciar costumes e crenças de gerações passadas.

No conto aqui analisado a relação entre a sabedoria ancestral transmitida pela personagem, Tia Tristereza e a experiência do presente constituem uma ponte entre passado, presente e futuro ligando os antepassados as gerações mais novas. Visto assim, por ser um fenômeno social as memórias ali transmitidas para o texto se movimentam e conecta os indivíduos a sua herança cultural. Dessa forma, ao carregar o sentimento de pertencimento ele enraizar em si as identidades que lhes antecedeu dando continuidade e fortalecendo elas.

Consequentemente, esse movimento conduz as gerações a perpetuarem a sabedoria, o conhecimento e as experiências passadas pelas lembranças dos mais velhos. No conto em questão, essa missão é dada ao narrador personagem ouvinte das histórias contadas por sua Tia Tristereza enquanto a chuva cai. Pois os fatos dos passados tornam-se ainda mais importantes quando atribuímos a eles maiores significados e utilizamo-los para construir nossas bases identitárias e a nossa própria narrativa de vida.

De todo modo, as literaturas africanas de expressão portuguesa, mais especificamente a literatura moçambicana, no passado nos apresentaram o quadro em continuidade com as memórias coletivas do povo negro no qual, o sujeito encontra-se consonância com as memórias do seu grupo de interação. Estes por exemplo, lhe apresentarão seus testemunhos que servirão para completa e reforçar a sua identidade pessoal e social. Sendo assim, o papel da literatura ainda é de conduz o sujeito a um agir mais simbólico transmitindo conhecimento, cultura, sentimentos, emoções e experiências.

A obra de Mia Couto apresentada no presente trabalho, conta a tradição da oralidade, passando a memória vida dos antepassados para a continuidade das identidades. Deste modo,

as tradições e costumes transmitidos por meio da palavra escrita sustentam ainda mais as histórias compartilhadas e partilhadas pelos mais velhos. E funcionam como apoio para os indivíduos em meios as crises e tensões das mudanças da sociedade deixando os mesmos conscientes em relação às transformações das estruturas do seu meio social e cultural.

Ainda podemos ressaltar a beleza com que o autor Mia Couto transfere para seu texto o imaginário por meio das lembranças e histórias contadas na obra por Tia Tristereza. O autor mantém-se consciente dos conflitos e guerras que ocorreram em seu país passando para o texto o desejo de construir uma nação com tradições próprias e acima de tudo por meio da coletividade. As marcas culturais evidentes no conto sinalizam a simbologia dos elementos da tradição africana atribuindo a eles significados importantes para a permanência das histórias dos povos negros africanos.

Assim, podemos constatar a importância da memória para o povo negro, pois a ela é dado o papel de transmitir identidade e fortalecer as mesmas. Desse modo, a memória serve para a identidade como fortalecedora das bases identitárias. Ela conduz o sujeito ao conhecimento de sua história; servindo de resgate e resistência através da oralidade, das lendas, poemas, poesias, contos e romances. Por isso que entra em contato com a literatura moçambicana é trilhar os caminhos da memória coletiva e individual do povo negro.

Diante disso, Mia Couto mesmo com sua entrada tardia no cenário literário moçambicano, ganha cada vez mais espaço no mundo das literaturas afirmando o seu próprio projeto literário ancorado nas suas tradições, culturas, crenças e valores. Trazendo temas constantes do cotidiano dos indivíduos como o dialeto, o mulato, a oralidade, a estratificação social, os discursos identitários, a exaltação tanto do negro como da sua terra.

Portanto, ao longo das discussões do presente trabalho podemos afirmar que memória e identidade são dois fenômenos interligados que contribuem na continuidade das narrativas de vida dos africanos. E se voltamos o olhar para a narrativa analisada, observamos a maneira poética como memória e identidade são colocadas no texto pelo autor Mia Couto e a relação de sentidos estabelecida entre imaginário e realidade; entre oralidade e escrita; entre passado e presente e entre o ser mítico e o sujeito. Assim, ao partilhar sua narrativa Mia Couto compartilha tradicionais sabedorias e simbologias.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa**. Revista Gragoatá; Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5750174/mod_resource/content/1/ABDALA%20JUNIOR%20-%20Notas%20hist%C3%B3ricas%20solidariedade%20e%20rela%C3%A7%C3%B5es%20comunit%C3%A1rias.pdf acessado em 13/08/2021.

AMORIM, Claudia [et al] **Literaturas Africanas** I. v. 2 /. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2018.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**, 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução de: Maria Letícia Ferreira. 1. ed. 1ª impressão. Contexto, São Paulo, 2012.

CANDIDO, Antonio. **O direito à Literatura**. In: Vários escritos. 5.ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** 1.ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2011.

COUTO, Mia. **Estórias Abensonhadas**. Companhia das Letras. São Paulo. 2012.

EULÁLIO, Macela de Melo Cordeiro [et,at]. **Literatura africana de expressão portuguesa e oralidade**. Revista Letras Raras. Paraíba 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/anama/Downloads/433-Texto%20do%20artigo-1193-3-10-20190115.pdf> acessado em 13/08/2021.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa- I**. Instituto de Cultura Portuguesa, Biblioteca Breve. Portugal, 1977.

FERREIRA, Manoel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

FONSECA, M. N. S.; MOREIRA, T. T. PANORAMA DAS LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaio**, n. 16, p. 13-72, 11 maio 2017. Disponível em - http://www4.pucminas.br/imagdb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121019162329.pdf. Acessado 12/08/2021

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**/ tradução de Beatriz Sidau. Centauro: São Paulo: 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11.ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2006.

LARA, Camila de Brito Quadros. **A importância da memória para a construção da identidade: o caso da igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados – MS**. Anpud-MS: Mato Grosso do Sul, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_AI_MPORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf acessado em: 24/08/2021.

NASCIMENTO, Carolina Machado. **A literatura africana de expressão portuguesa e a construção da identidade afro-brasileira**. In: FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

NOA, Francisco. **Literatura Colonial: o paradigma submerso**. Dossiê. **Via Atlântica**. Maputo, 1999.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. **História: ensino fundamental**. Coleção explorando o ensino. Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Básica. Brasília, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19.ed. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

ZILBERMAN; Regina. **Memória entre oralidade e escrita**. Letras de Hoje. Porto Alegre, 2006.